

O ONTEM E O HOJE DO PORTO DE ILHÉUS, EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS: DA VISÃO LITERÁRIA AO TURISMO.*

Saúl E. Mendez Sanchez Filho¹

Maria de Lourdes Netto Simões²

1.0– Introdução

Este é um trabalho desenvolvido a partir da leitura da obra *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado e de registros fotográficos do porto de Ilhéus. Para sua produção, foram selecionados, da obra, fragmentos referentes ao porto, que fossem de relevância não só descritiva mas, também, referentes ao contexto histórico e cultural. As fotografias foram escolhidas, a partir de uma visualização do porto no referencial histórico, na obra literária e, depois, foram observadas as alterações marcantes na mudança da localização do referido porto. No tratamento das imagens foram feitas equalizações e, em casos de necessidade, uma ou outra reconstrução, através da computação gráfica.

Na primeira parte do texto são mapeadas as características do porto de Ilhéus mostrado no romance, situando a época e o contexto histórico apresentado ao longo do livro. É feita, assim, uma análise da sua mudança de localização, através da obra de ficção e de fatos históricos. Esses fatos são de grande relevância cultural e interesse para o turismo na região, visto que o *leitor-turista* (SIMÕES, 2002) procura, ao ler *Gabriela, Cravo e Canela*, encontrar na cidade os traços de mudança observados até então somente na obra ficcional.

Na segunda parte são apresentados os motivos pelo qual o meio fotográfico foi escolhido para o trabalho. Assim, é demonstrada a importância desse meio na atualidade como documento histórico e referencial, além de suas qualidades relacionadas a seu forte apelo sensorial.

* Artigo apresentado no 7º ENTBL - Encontro Nacional de Turismo com Base Local.

¹ Graduando do curso de Comunicação Social da UESC. Estagiário de Iniciação Científica do CNPq.

E-mail: dogstation@hotmail.com

² Orientadora. Professora Titular DLA/UESC

E-mail: htsimoes@superig.com.br

Na terceira parte do texto é desenvolvida a análise técnica das fotografias selecionadas, intercalando descrições do momento histórico apresentado em cada imagem.

Buscando inspiração nas propostas feitas por Calvino (1988), o trabalho pretende uma comunicação da realidade regional em relação ao turismo, levando em conta a modernização da mídia fotográfica na sociedade atual.

2.0 - Visualizando o porto de Ilhéus a partir de *Gabriela, Cravo e Canela*

Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado é, sem dúvida, uma das obras de maior importância para o turismo na cidade de Ilhéus. Nessa obra de ficção, é visível a estrutura física e social da cidade, além dos costumes e hábitos da comunidade de 1925, época em que se passa a estória. O livro é centrado no romance entre a retirante Gabriela e o árabe Nacib, dono do bar Vesúvio, o mais freqüentado da cidade. Utilizando-se desse ponto estratégico, o narrador nos mostra toda a movimentação urbana, desde o comportamento social até as tramas políticas.

Naquele momento de civilização, de crescimento da cidade, as ideologias mantinham-se através de uma postura autoritária, coronelista. Um dos grandes conflitos de interesses políticos mostrados na obra tem relação direta com o porto de Ilhéus, mais precisamente com a necessidade, na época, da mudança de sua localização, o que sinaliza uma alteração gradativa dos costumes.

O principal problema citado em *Gabriela, cravo e canela* pelo qual tornava-se necessária a mudança de localização do porto de Ilhéus é o da barra. Ela impedia que os navios aportassem, o que era prejudicial para a economia da cidade, visto que tornava inviável a exportação direta de Cacau, conforme explica o trecho a seguir:

Barra difícil e perigosa, aquela de Ilhéus, apertada entre o morro do Unhão, na cidade, e o morro de Pernambuco, numa ilha ao lado do Pontal. Canal estreito e pouco profundo, de areia movendo-se continuamente, a cada maré. Era freqüente o encalhe de navios, por vezes demoravam um dia para libertar-se. Os grandes paquetes não se atreviam a cruzar a barra assustadora apesar do magnífico ancoradouro de Ilhéus.[...] Ilhéus produz uma grande parte do cacau que se consome no mundo, tem um porto de primeira, e, no entanto, a renda da exportação do cacau fica é na cidade da Bahia. Tudo por causa dessa maldita barra. (AMADO, 1958, p. 28/29)

No romance, o personagem Mundinho Falcão chega à cidade com aspirações políticas, mas enfrenta uma forte resistência por parte do povo, que se mantém preso à idéia de que somente uma pessoa nascida ou criada na região (como o é o coronel Ramiro Bastos, rival político de Mundinho) é capaz de compreender os problemas da cidade para poder lidar com eles da melhor maneira possível. Essa, porém, era uma ideologia instaurada por quem sempre estivera no poder, como nos mostra Jorge Amado. Mundinho tenta aproveitar-se da insatisfação do povo com a administração vigente e também do momento de modernização, que mexia com o psicológico urbano: “Andei estudando o assunto e vou lhe dizer uma coisa.[...]O que vai resolver é a construção de um novo porto de Ilhéus, no Malhado” (Ibid, p. 261). Assim, encontra, no caso da barra, a estratégia perfeita para alcançar seus interesses, e se utiliza do meio jornalístico para sua promoção.

O artigo tinha como pretexto o encalhe do Ita na véspera. “O maior e mais premente problema da região, aquele que é o vértice e o cume do progresso local, que significará riqueza e civilização ou atraso e miséria, o problema da barra de Ilhéus, ou seja, o magno problema da exportação direta do cacau” não existia para os que haviam “em circunstâncias especiais abocanhado os postos de mando”. E por aí vinha, verrina terrível, terminando numa evidente alusão a Mundinho, ao lembrar que no entanto, “homens do elevado sentimento cívico, estavam dispostos, ante o criminoso desinteresse das autoridades municipais, a tomar o problema em suas mãos e a resolve-lo. O povo, esse glorioso e intemorato povo de Ilhéus, de tantas tradições, saberia julgar, castigar e premiar”(Ibid, p. 136/137)

As obras da barra e a mudança de localização do porto de Ilhéus são fatores que alteraram a cidade não só fisicamente, mas também economicamente, além de terem modificado o trânsito urbano e a ideologia da população.

Ilhéus inteiro vivia os trabalhos da barra. Além dos escafandristas, as máquinas instaladas nas dragas causavam admiração e espanto. A remover a areia, a rasgar o fundo da barra, a abrir e ampliar canais. Num ruído de terremoto, como se estivessem revolvendo a própria vida da cidade, modificando-a para sempre (Ibid, p. 256)

Atualmente o porto se situa no Malhado – o que demonstra que, de certa forma, a modernização venceu. Nele atracam diversos tipos de navio; é, inclusive, porto de importância e reconhecimento internacional, por onde tem escoamento toda a produção de cacau da região. Além disso, o porto de Ilhéus é um atrativo não só por seu reconhecimento mundial mas, também, com mais relevância, como cenário recorrente ao longo da obra mundialmente conhecida.

3.0 - Importância e necessidade do registro fotográfico do porto

A fotografia é uma forma de imortalizar um momento, uma época. Através dela é possível recriar não só a imagem de um lugar, assim como torná-lo habitável, mesmo após o seu desaparecimento.

Ao observar uma fotografia, uma espécie de vivência virtual é experimentada. Todos os sentidos logo são enganados e aquilo que é tido, diante da pessoa, como uma realidade tridimensional, pode ser vivenciado com plenitude, não se restringindo apenas àqueles milésimos de segundo que foram registrados. Barthes (1980) traduz muito bem essas idéias na seguinte passagem:

Para mim, as fotografias de paisagens (urbanas ou campestres) devem ser *habitáveis* e não visitáveis. Se eu o observar bem em mim próprio, este desejo não é nem onírico (não sonho com um lugar extravagante) nem empírico (não procuro comprar uma casa em função das fotos de um prospecto de agência imobiliária); ele é fantasmático, liga-se a uma espécie de visão que parece levar-me para a frente, para um tempo utópico, ou levar-me para trás, para não sei que parte de mim mesmo[...] Perante estas paisagens de predilecção, tudo se passa como se eu estivesse certo de lá ter estado ou de dever lá ir. Ora, Freud diz, sobre o corpo materno, que ‘não existe outro lugar do qual se possa dizer com tanta certeza que já lá se esteve’. Essa seria então a essência da paisagem (escolhida pelo desejo): *heimlich*, recordando em mim a mãe (BARTHES, 1980, p. 62-64)

A fotografia constitui-se um registro histórico de extrema importância. Por tratar-se de uma linguagem imagética, possui muito mais informações do que aquelas que vemos ao observá-la em uma primeira instância; além disso, é um meio compreensível para todos, visto que a sociedade está cada vez mais voltada ao universo visual.

As informações estão inseridas não só no próprio referente fotografado, mas também no ângulo de visão e no enquadramento escolhidos pelo fotógrafo. O que é vivenciado por quem olha a fotografia é, então, aquilo que o olhar do fotógrafo presenciou – algo que, após o *click* do obturador, tornou-se instantaneamente um passado que não pode ser revivido a não ser pela imagem.

Se a fotografia não pode ser aprofundada, isso deve-se à sua força de evidência. Na imagem, o objeto entrega-se em bloco e o olhar está *certo* disso – ao contrário do texto ou de outras percepções que me apresentam o objeto de forma frouxa, discutível e assim me levam a desconfiar daquilo que julgo ver. Essa certeza é soberana porque tenho a possibilidade de observar a fotografia com intensidade (Ibid, p.148)

Visto que o porto de Ilhéus é um marco da economia regional e possui relevância não só histórica e política, mas também cultural, torna-se necessário o seu registro fotográfico para que se possa analisar suas mudanças ao longo do tempo e vivenciar o trânsito urbano nos diversos momentos (antes e depois de sua reconfiguração no atual porto no Malhado).

Esse registro seria de interesse do *leitor-turista* que, após ler *Gabriela Cravo e Canela*, procuraria visualizar o antigo porto, que se encontra, infelizmente, destruído; isso, além do fato de não conseguir visualizar, no atual porto, traços do movimento urbano citados na obra. Ao vivenciar a realidade de cada época através da fotografia, o *leitor-turista* chegaria à conclusão do porquê de tamanha mudança de trânsitos, e o choque inicial seria substituído pelo deslumbramento e pelo prazer da descoberta.

A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-me a desenvolvê-la numa história, ou melhor, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. Em torno de cada imagem escondem-se outras, forma-se um campo de analogias, simetrias e contraposições (CALVINO, 1988, p. 104)

Por se tratar de uma experiência sensorial, o “ver” é algo que possui um poder muito grande, e, diante da sociedade consumidora de imagens, não poder visualizar o que se deseja pode acabar sendo decepcionante, frustrante ou desestimulante para o turista. A fotografia estaria ali então para tornar presente aquilo que é inacessível, como o antigo porto destruído.

O nome do noema da fotografia será então ‘isto foi’ ou, ainda, o inacessível. Em latim [...], dir-se-ia sem dúvida: ‘*interfuit*’, aquilo que vejo esteve lá, nesse lugar que se estende entre o infinito e o sujeito [...]. Esteve lá e, contudo, imediatamente separado; esteve absolutamente, indesmentivelmente presente, e, todavia, já diferenciado. É tudo isto que significa o verbo *intersum* (BARTHES, 1980, p. 109-110)

4.0 - O ontem e o hoje do porto de Ilhéus

Devido ao estado de algumas das fotografias selecionadas, foi necessária a reconstrução de partes destruídas e marcas do tempo, além de uma equalização das cores, contraste e brilho, através da computação gráfica. Foram utilizados o Adobe Photoshop e outros programas de tratamento de imagens como o Corel PhotoPaint ou o Microsoft PhotoEditor.

A primeira e mais marcante diferença observada entre os dois portos é, sem dúvida, a movimentação urbana em torno do local. Naquela época dos anos 20 e 30, a sociedade ilheense estava diretamente voltada para a cultura do cacau, o que tornava o porto um local importantíssimo e freqüentado por toda a comunidade. Essa se orgulhava de possuir em sua cidade aquele que era o “quinto porto exportador do país”. As figuras 1 e 2 mostram o porto de duas posições diferentes, porém do mesmo ângulo; a figura 1 possui uma qualidade maior, não só tecnicamente como, também, quanto à beleza mantida por sua boa preservação; a figura 2, porém, obteve mérito ao conseguir posicionar ao fundo o mercado de Ilhéus, citado em *Gabriela, Cravo e Canela*.



Fig. 1: Final dos anos 30 – vista parcial da cidade e antigo porto, com vários navios à espera do embarque de cacau.

Fonte: Foto Francino (Ilhéus)

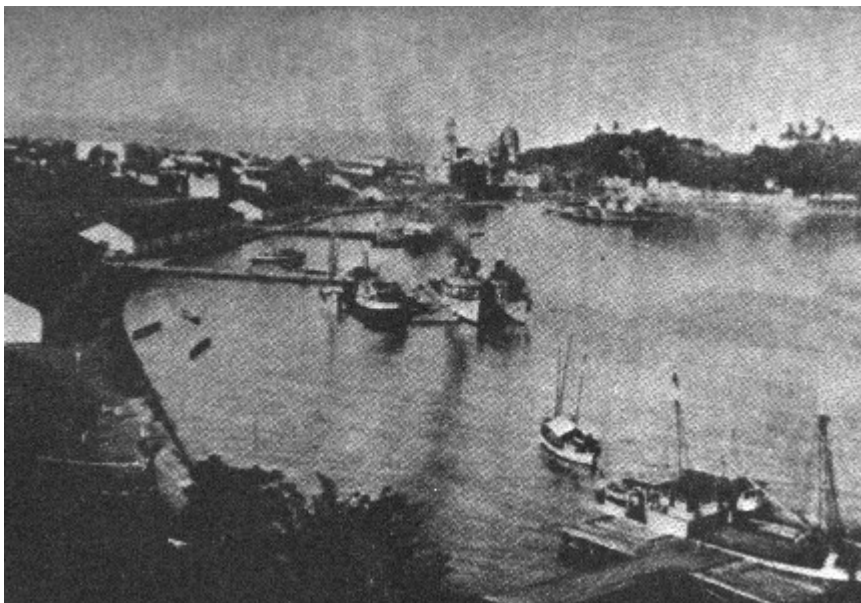


Fig. 2: Antigo porto de Ilhéus

Fonte: Foto Louro (Ilhéus)

Outro importante fator que contribuía para o trânsito no porto era sua localização: situava-se, de um lado, em frente ao terminal urbano (das marinetes, vistas em *Gabriela, Cravo e Canela*; ainda hoje é o terminal das linhas de ônibus da cidade); do outro, próximo do já citado mercado de Ilhéus, onde é atualmente a avenida Dois de Julho (local no qual provavelmente se encontrava a banca de peixe descrita por Jorge Amado, de onde os personagens assistiam o drama da barra). A figura 3 está claramente inserida na proposta apresentada por Barthes (1980); é uma foto perfeitamente *habitável*, e ainda consegue dar uma grande *visibilidade* (CALVINO, 1988) à movimentação urbana descrita na obra de Jorge Amado. Mesmo na falta de cores, essas vêm à tona quando se mergulha na fotografia. A figura 4, porém, constitui-se em uma composição geometricamente mais harmoniosa. Encontrava-se em péssimo estado de conservação e por isso teve parte de suas bordas cortadas e outras partes ao centro, reconstruídas através da computação gráfica. É uma imagem de imensa beleza por mostrar no horizonte a amplitude da praia do Pontal.



Fig. 3: Anos 20 - vista panorâmica do mercado de Ilhéus

Fonte: Acervo de Raimundo Gomes (Barão de Popoff)

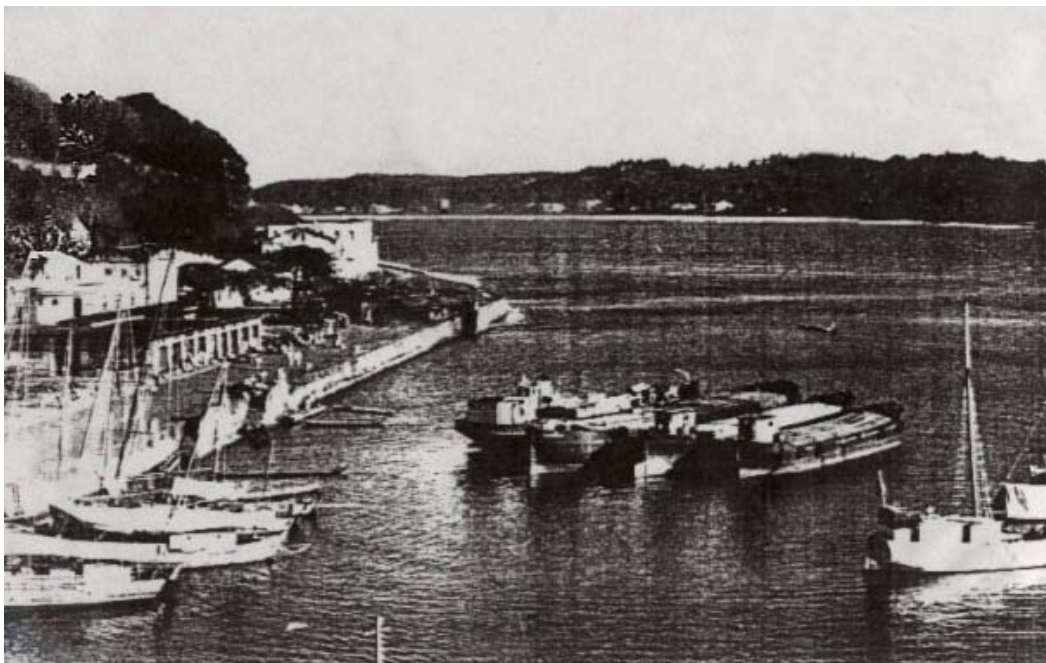


Fig. 4: Final dos anos 20 – vista parcial do mercado de Ilhéus. Nessa época estava em andamento a pavimentação da avenida Dois de Julho.

Fonte: Acervo de Raimundo Gomes (Barão de Popoff)

Com o crescimento da cidade, a modificação de sua estrutura, a construção de grandes prédios (como o Santa Clara, que foi o primeiro prédio da avenida Soares Lopes) e alterações ocorridas no Pontal, o caso da barra agravou-se. A lavoura do cacau estava em derrocada no final dos anos setenta, e a localização do porto de Ilhéus acabou tornando-se um problema para toda a sociedade ilheense. A figura 5 mostra, em contraste com as figuras 1 e 2, uma grande quantidade de edifícios no horizonte.

Vieram, assim, as obras de mudança do porto de Ilhéus, que acabou sendo construído no Malhado, local mais propício e em mar aberto. Essa foi uma vitória da modernização ilheense, um feito que transformou todo o comportamento da sociedade. O trânsito comum em torno do porto deixou de existir com a mudança de localização, a derrocada do cacau, a construção da avenida Dois de Julho (que juntamente com o aparecimento das lojas industrializadas causou o fim do antigo mercado de Ilhéus), e outros fatores.



Fig. 5: Final dos anos 70 – Vista parcial do antigo porto de Ilhéus, Baía do Pontal

Fonte: Acervo de José Nazal



Fig. 6: Porto de Ilhéus, em sua localização atual – vista aérea

Fonte: <http://intranet.codeba.com.br/img/ilhfot1.jpg>



Fig. 7: Entrada do porto de Ilhéus: vista da cidade

Fonte: Geraldo Borges (CEDOC/UESC)

Presentemente, apesar de possuir uma movimentação urbana reduzida, o porto de Ilhéus é de grande porte; nada além de sua posição perante o mundo pode comprovar isso mais claramente do que uma imagem como a figura 6, que por ser uma fotografia aérea consegue captar toda a grandiosidade desse porto em meio ao mar aberto. A figura 7 mostra toda a modernização da cidade ocorrida em torno do porto, e denota sua posição marcante perante Ilhéus.

A importância histórico-cultural do porto de Ilhéus, bem simbólico referido pela ficção amadiana, sinaliza uma referência pontual para a prática turística na Região Sul-baiana.

REFERÊNCIAS:

AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela**. 51 ed. São Paulo: Record/Martins, 1975.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUMBRECHT, H. U. As Consequências da Estética da Recepção: Um Início Postergado. In: **Corpo e Forma – Ensaio Para uma Crítica Não-Hermenêutica**. Org: João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p. 23 – 46.

SIMÕES, M.L. N. De Leitor a Turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 6. Belo Horizonte: ABRALIC, 2002. p. 177 – 183

BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Trad. Manuela Torres, Edições 70, Lisboa/Portugal, 1980.

ALMEIDA, M. C. A. **Porto de Ilhéus e etc., etc., etc.** ed. GRD, São Paulo, 1996.